



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ

A potência da pesquisa narrativa com registro no cotidiano de professores(as) iniciantes: reaprendendo a ouvir-olhar-sentir-narrar

The power of narrative research recorded in the daily lives of beginning teachers: relearning to listen-look-feel-narrate

El poder de la investigación narrativa registrada en la vida cotidiana de los docentes principiantes: reaprender a escuchar-mirar-sentir-narrar

Joelson de Sousa Morais

RESUMO

O estudo contou com a participação de quatro professores(as) iniciantes de duas escolas públicas municipais de Caxias-MA. Metodologicamente, a pesquisa considerou: um diário de pesquisa, a imersão no cotidiano escolar, as conversas e a escrita narrativa. O objetivo é compreender os processos de tessitura de conhecimentos e experiências narrativas de professores(as) iniciantes no cotidiano escolar. Os resultados corroboram que mergulhar no cotidiano e vivê-lo, permite a construção de outros múltiplos referenciais da pesquisa, mas, sobretudo, da formação, aprendizagem e tessitura de conhecimentos coletivos, democráticos e inventivos.

Palavras-chave: cotidiano escolar; pesquisa narrativa (auto)biográfica; professores(as) iniciantes.

ABSTRACT

The study included the participation of four beginning teachers from two municipal public schools in Caxias-MA. Methodologically, the research included: a research diary, immersion in daily school life, conversations and narrative writing. The objective is to understand the processes of weaving knowledge and narrative experiences of beginning teachers in everyday school life. The results corroborate that diving into everyday life and living it allows the construction of other multiple research references, but, above all, the formation, learning and weaving of collective, democratic and inventive knowledge.

Keywords: school daily life; (auto)biographical narrative research; beginning teachers.

RESUMEN

El estudio contó con la participación de cuatro profesores principiantes de dos escuelas públicas municipales de Caxias-MA. Metodológicamente, la investigación incluyó: diario de investigación,

inmersión en el cotidiano escolar, conversaciones y escritura narrativa. El objetivo es comprender los procesos de tejido de conocimientos y experiencias narrativas de docentes principiantes en la vida escolar cotidiana. Los resultados corroboran que sumergirse en la vida cotidiana y vivirla permite la construcción de otros múltiples referentes de investigación, pero, sobre todo, la formación, el aprendizaje y el tejido de saberes colectivos, democráticos e inventivos.

Palabras-clave: vida cotidiana escolar; investigación narrativa (auto) biográfica; profesores principiantes.

Provocações iniciais

Uma pesquisa realizada com deleite, construção de saberes e conhecimentos, somando-se ao tecer cotidiano com experiências narrativas em diálogos com professores(as) iniciantes, capaz de provocar emoções, aprendizados e saberes legítimos, democráticos e emancipatórios: assim foi a construção deste estudo, a partir do qual proponho algumas reflexões dessa caminhada.

O estudo foi originado da tese de Doutorado em Educação (MORAIS, 2022) cursada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), entre os anos de 2019 a 2022, e contou com a participação de quatro professores(as) iniciantes, atuantes em duas escolas da rede pública municipal de Caxias-MA, sendo o pesquisador sujeito participante.

A construção do texto tomou os registros no/do cotidiano escolar acerca das aprendizagens, saberes e conhecimentos construídos com o apoio de um diário de pesquisa, a imersão no cotidiano escolar, as conversas e a escrita narrativa das experiências trilhadas, tecidas a partir do entrelaçamento entre memória, experiência e narração. Desse modo, “a memória mediatiza transformações espaciais. Segundo o modo ‘momento oportuno’ (kairós), ela produz uma ruptura instauradora” (CERTEAU, 2012, p. 149).

Nesse sentido, apresento um conjunto tridimensional de narrativas, assim compostas no processo de pesquisa: 1) as narrativas do pesquisador; 2) as narrativas das professoras iniciantes participantes da pesquisa; e, 3) as narrativas do pesquisador em diálogo com as professoras iniciantes, no cotidiano escolar, acerca das aprendizagens da docência e os modos de ser, fazer e pensar a vida, a profissão, a prática pedagógica e outras tantas facetas construídas no início da profissão docente.

A base teórica e epistemológica deste escrito se pauta no entrelaçamento dos estudos nos/dos/com os cotidianos em articulação com a pesquisa narrativa (auto)biográfica nos princípios de: Josso (2010), Ricoeur (2010; 2014), Goodson (2019), Bragança (2018), Passeggi (2016), Alves (2003), Oliveira (2010), Certeau (2012), e outros.

Para isso, disparo, como questão norteadora deste estudo, a provocação: Como se tecem conhecimentos e experiências a partir dos registros do/no cotidiano com professores(as) iniciantes no desenvolvimento da pesquisa narrativa?

No presente texto, pontuo como objetivos: compreender os processos de tessitura de conhecimentos e experiências narrativas de professores(as) iniciantes no cotidiano escolar, bem como refletir acerca das potências e contributos dos registros cotidianos na pesquisa narrativa com docentes em início de carreira.

São propostas, nessa primeira parte, algumas reflexões sobre como se originou a pesquisa; a segunda, há uma narração, contando os itinerários e procedimentos metodológicos desenvolvidos durante a pesquisa narrativa com os sujeitos participantes do estudo; na terceira, quarta e quinta parte mergulho com os resultados da *pesquisaformação*¹ trazendo as narrativas tecidas em diálogo com os(as) professores(as) iniciantes a partir dos registros do cotidiano escolar; e, na sexta e última parte, apresento algumas considerações provisórias alcançadas pelo estudo.

Sobre a aventura metodológica de desenvolver uma *pesquisaformação* no/com/o cotidiano

O presente texto foi produzido no âmbito de uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação, entre os anos de 2019 a 2022, em

¹ A junção de duas ou mais palavras destacadas em itálico deve-se a uma escolha política, teórica, metodológica e epistemológica que privilegio neste texto, fruto da inspiração dos estudos nos/dos/com os cotidianos, no qual me embaso em Alves (2003) e Oliveira (2012). A justificativa para esse formato de escrita está subjacente a ampliar as significações que poderão ser produzidas na criação de outras tantas palavras como forma de tecer outras reflexões e experiências vividas na construção de conhecimentos e na tessitura de saberes para além dos esquemas clássicos de produção do saber, ultrapassando o modelo newtoniano-cartesiano e dando outros sentidos e significados às palavras, como forma de preconizar a indissociabilidade entre ambas.

nível de Doutorado em Educação, privilegiando a escrita narrativa como modo de produção de saberes, conhecimentos e aprendizagens².

A inspiração para o desenvolvimento dessa abordagem *epistemopolítica* e *teoricometodológica* surgiu a partir de três perspectivas: uma, pautada pela corrente de *Histórias de vida em formação*, que tem os seus fundamentos em Marie-Christine Josso, Pierre Dominicé e Gaston Pineau, que surgiu nos inícios da década de 1980 com os usos metodológicos de narrativas e histórias de vida na educação de adultos (JOSSO, 2010). Com os contributos dos estudos nos/dos/com os cotidianos, que surgiu na década de 1980, com pesquisas e estudos sobre as teorias curriculares, e foi mais propriamente desenvolvido na década de 1990, com inspiração em Nilda Alves (2003); e, com a abordagem narrativa (auto)biográfica com os contributos de Inês Bragança (2018), a qual usou o termo *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica, explicitando seus princípios e fundamentos com os usos da memória, experiência e narração em diálogo com professores(as) no cotidiano escolar, apropriando-se desses dispositivos metodológicos.

Os princípios da *pesquisaformação* condizem com um processo, pelo qual os sujeitos envolvidos durante a pesquisa aprendem, constroem conhecimentos, formam-se e se transformam juntos, mediatizados pela consciência que toma, desse processo, as relações estabelecidas entre si e com o outro, e pela reflexividade empregada durante seus itinerários trilhados, de forma coletiva e em partilha (JOSSO; 2010; BRAGANÇA, 2018).

A *pesquisaformação* trata-se de uma modalidade de pesquisa, a qual envolve as dimensões de sensibilidade, conhecimentos e emoções, e que se pratica um modo outro de aprender na aventura de pesquisar, não prescindindo de seu rigor científico da qual emprega, e que é, por demais significativa, transformadora e emancipatória (MORAIS; BRAGANÇA, 2021).

Sobre as pesquisas nos/dos/com os cotidianos escolares, cabe enfatizar que o seu potencial é fruto da plausível contribuição de Alves (2003), Oliveira (2012) e Certeau (2012), os quais refletem ser um meio privilegiado de

² A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), CAAE: 35270620.4.0000.8142, da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) onde realizei o Doutorado em Educação. E teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)/Brasil – Código de Financiamento 001.

tessituras de conhecimentos outros diversos e plurais para a democratização social, cultural e emancipatória dos sujeitos envolvidos, os quais escrevem e inscrevem suas próprias histórias, memórias e narrativas, como protagonistas e pensadores das suas próprias realidades, transformando-se, nesse movimento de dar a ver outros mundos possíveis pela autoria refletidos e percebidos na narração de seus saberes, fazeres de mundo e o modo como fazem, pensam e são.

É exato o que Certeau (2012, p. 141) pontua acerca dos praticantes do cotidiano, ao assinalar que “a narrativização das práticas seria uma ‘maneira de fazer’ textual, com seus procedimentos e táticas próprios”.

Nesse sentido, corroboro com a assertiva de que:

[...] estudar o cotidiano é um eficiente – e, por que não, necessário – meio para pensar os processos de constituição da emancipação social, para desinvisibilizar práticas sociais que contribuam para a transformação dos modos de interação entre os diferentes sujeitos, grupos, sistemas de pensamentos, de crenças e valores, contribuindo, com isso, para a viabilização da igualdade e diferença, do estabelecimento de relações sociais de solidariedade, de cooperação e de reconhecimento mútuos (OLIVEIRA, 2012, p. 63)

Assim, a *pesquisaformação* foi desenvolvida primando pela abordagem metodológica das narrativas (auto)biográfica em diálogo com os estudos nos/dos/com os cotidianos, dimensões essas, potencialmente, significativas na pesquisa científica e que descortinou um conjunto de conhecimentos curriculares legítimos, democráticos e emancipatórios na constituição de saberes e conhecimentos plurais no conjunto de práticas sociais e solidárias entre os sujeitos participantes da pesquisa.

A pesquisa foi realizada em duas escolas da rede pública municipal de ensino de Caxias-MA, com a participação de quatro professores(as) iniciantes, sendo o pesquisador um dos sujeitos participantes da pesquisa.

Os dispositivos metodológicos utilizados, durante o estudo, foram: diário de pesquisa, conversas, escritas narrativas e imersão no cotidiano escolar. Este último, antes do período pandêmico.

No primeiro momento, a pesquisa iniciou de forma presencial, depois, com o surgimento da pandemia da Covid-19, a partir de março de 2020³, passou a ser realizada, remotamente, uma vez que o isolamento social foi priorizado para preservar as vidas.

Os registros do estudo foram feitos no diário de pesquisa em forma de escrita narrativa durante as conversas, encontros e participação no cotidiano das escolas, quando aconteceram no presencial e, também, em formas de gravação em áudio, vídeos e escritas na plataforma do *Google Meet* e na rede social do *WhatsApp* privado de cada um(a) das docentes, com quem estabeleci diálogos. Depois foram transcritas para o computador e feitas escolhas para poder emergir no trabalho de pesquisa.

Quanto ao perfil dos sujeitos da pesquisa, quatro possuem formação inicial em Pedagogia; três são do sexo feminino, e um do sexo masculino. Das três, duas professoras atuam em uma mesma escola no turno vespertino, e a outra atua em outra escola no turno matutino, todas exercendo o magistério no 5º ano do Ensino Fundamental. O docente pesquisador, também na condição de professor iniciante, estava acompanhando o processo de pesquisa, por meio da mediação biográfica, em conversas e registros da pesquisa, na produção do conhecimento científico.

O uso dos nomes dos sujeitos participantes da pesquisa deste texto é original, fruto de uma escola pessoal feita pelos(as) próprio(as) participantes que autorizaram seus usos na pesquisa e para fins de publicização.

O processo de interpretação e compreensão das fontes narrativas de pesquisa, neste texto, primou pelo recurso da hermenêutica da narratividade e temporalidade, em Paul Ricoeur (2010), e a filosofia da linguagem, em Bakhtin (2011; 2019).

A pesquisa no cotidiano com registro: dimensões metodológicas e potências criadoras

Olhei com calma meus diários e cadernos, li e reli algumas escritas, principalmente, nesse processo de produção e organização do texto da tese, e

³ Momento esse em que foi decretada a suspensão das atividades presenciais pelo estado do Maranhão, na cidade de Caxias, na qual foi desenvolvida esta pesquisa.

A potência da pesquisa narrativa com registro no cotidiano de professores(as) iniciantes:
reaprendendo a ouvir-olhar-sentir-narrar

fiquei refletindo sobre o quanto são importantes os registros que o pesquisador faz em diálogo com as experiências tecidos com os sujeitos participantes da pesquisa, e outros tantos contextos que são criados e outros que aparecem, os quais se somam e amplificam-se em saberes, conhecimentos e aprendizagens de diversas dimensões e facetas do vivido.

A esse respeito, registrei, em meu diário, em um dos encontros de orientações coletivas do *Grupo Interinstitucional de Pesquisa Formação Polifonia*⁴, do qual faço parte, o seguinte trecho:

Os registros que faço narrativamente no plano da escrita me fazem repensar a todo o momento se o que narrei me pareceu inteligível quando volto a eles, pois me dão a ver outros tantos elementos e características das quais muitas vezes não consegui perceber quando eu estava materializando meu pensamento no contexto da ação de narrar (Joelson Moraes, Narrativa do diário de pesquisa: Encontro de orientações coletivas, 25/março/2020).

A força do registro é fundamental na compreensão e reflexão do que se faz nos itinerários da *pesquisa formação*, sobretudo, porque põe o(a) pesquisador(a) a se ver pelo que fez e pensou, em um determinado *espaçotempo*, e que consta registrado, bem como alude para as tramas das experiências com os sujeitos com os quais teceu relações, e se refletem em construção de saberes, aprendizados e conhecimentos de si, do que fez e dos percursos trilhados.

Fui, então, como pesquisador, registrando, durante as conversas com as professoras iniciantes, a escrita narrativa em meu diário de pesquisa, no momento em que a conversa ia acontecendo, depois transcrevendo, fazendo a leitura do meu registro, ao fim dos encontros, para elas, o que ia ganhando outros formatos e composições na tessitura da intriga narrativa pelo que as docentes me diziam de outras experiências, reflexões, saberes, fatos ou acontecimentos *não ditos*, me fazendo ver o que eu ainda não havia percebido e nem contemplado no registro narrativo no diário de pesquisa.

⁴ Grupo este coordenado pela Profa. Dra. Inês Bragança, minha orientadora de Doutorado em Educação. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC) sediado na Faculdade de Educação da Unicamp e do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação, inserido dentro da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em São Gonçalo-RJ.

Comecei a ler, para as professoras iniciantes, as narrativas produzidas por mim no diário, primando, então, pela perspectiva ética e responsável da pesquisa científica. Assim, quando a professora veio conversar comigo, senti-me na responsabilidade e dever ético de compartilhar o conteúdo na minha escrita narrativa; experiência essa que demonstro a seguir:

[...] ao chegar à escola e me direcionar para a sala de aula da professora Fernanda Prudêncio, senti a necessidade de socializar a narrativa que produzi em semanas anteriores, acerca do que pude viver, construir e me envolver na escola com todos. [...]

Foi até um exercício de aprendizagem e formação bastante salutar, que nós mesmos refletimos juntos no momento e, enfatizamos, cada um, o potencial enriquecedor das histórias e narrativas na construção da experiência do sujeito que trilha múltiplos itinerários formativos e com diferentes significações e contextos, como os trilhados pela professora e por mim. (Joelson Morais, Narrativa do diário de pesquisa: Encontro na Escola Municipal Lourdes Feitosa, 02/março/2020).

Em *O homem ao espelho*, Bakhtin (2019) apresenta pistas esclarecedoras para pensar o eu, não o visto por mim, mas pelo outro que me constitui, permitindo uma tessitura que só se dá em seu acabamento no plano da *exotopia*. Isso foi reforçado, quando em conversa com a professora Fernanda Prudêncio, pois pude narrar os registros que fiz sobre as minhas relações que, com ela, estabeleci no cotidiano da escola, em maior proporção na sala de aula, durante a *pesquisiformação*.

Outro aspecto importante refere-se à constituição da minha identidade narrativa pela linguagem em processos alteritários que me faz tecer uma reflexividade do vivido nas trocas estabelecidas por mim com as docentes iniciantes, como me faz pensar Ricoeur (2014).

Considero, particularmente, importante a contribuição do *excedente de visão*, com o qual venho refletindo na tessitura da *pesquisiformação* e que o autor traz em outra obra de forma contundente:

[...] o excedente de minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim; tais ações completam o outro

justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se (BAKHTIN, 2011, p. 22-23)

No transcurso das leituras que realizava do meu diário para a docente Fernanda, ela ficava surpresa com o que eu narrava e demonstrava isso em gestos e/ou expressões (franzindo a testa, ou afirmando de forma positiva com a cabeça, e mesmo no plano da linguagem oral nas conversas), corroborando, assim, com as características e questões da personalidade e professoralidade que eu pude perceber nela, com ela e para ela, narrando, assim, essas percepções, visões e reflexões tecidas com base na experiência. “Além disso, esse sujeito não pode se ver completamente, portanto, ele depende do outro para lhe dizer a seu respeito o que de seu lugar não pode ver” (PRADO; SERÓDIO, 2015, p. 60).

Diante desse contexto, é fundamental, no transcurso da pesquisa, registrar os acontecimentos que se processam no cotidiano escolar e com as pessoas com quem compartilho a *pesquisaformação*, tendo em vista que, muitas vezes, acabo esquecendo depois o que se passou, se for levar em consideração apenas o plano da memória.

Por isso, é válido salientar que o discurso dos sujeitos praticantes do cotidiano produz afetações e efeitos diversos entre ambos e se tece como uma narração da experiência e não como descrição (CERTEAU, 2012).

Assim, a participação no cotidiano escolar com registro representa uma possibilidade de tecer as experiências que mais se tornaram marcantes para mim e que foram registradas narrativamente de forma escrita, passando a servir como sustentáculo para as minhas articulações, reflexões e mesmo a escrita científica, resultando na produção da tese.

Eis que, nesse exercício de escritas reflexivas, fui tecendo no diário e compartilhando com as professoras iniciantes participantes da pesquisa, passando, assim, a reconstruir o narrado, percebendo e constituindo o meu aprendizado narrativo, o que, de certo modo, representa a radicalidade dessa *pesquisaformação*.

Por isso, a importância do registro na *pesquisaformação*, dando condições de o pesquisador se guiar pelos caminhos que o levarão a produzir os saberes e conhecimentos pertinentes à escrita do texto científico, acaba

reacendendo memórias, entendimentos outros e reflexões que, no escrito, é possível fazer emergir dando consciência ao sujeito. Assim, reforço que “[...] a escrita expande o nível de distanciamento tempo-espaco e cria uma perspectiva de passado, presente e futuro onde a apropriação reflexiva do conhecimento pode ser destacada da tradição designada” (GIDDENS, 1991, p.48).

Percebo, assim, que as narrativas nos *espaçotempos* para os(as) professores(as) refletir sobre os acontecimentos que são tecidos no seu cotidiano e que servem de subsídios para repensar a sua postura, suas aprendizagens e necessidades de construção de (outros) saberes, dispositivos metodológicos e fazeres que poderão ser desenvolvidos em momentos futuros da sua prática pedagógica.

Quando fui fazendo a leitura das narrativas compartilhadas comigo e registrei no meu diário de pesquisa, as docentes refletiram acerca do tipo de escrita que eu estava fazendo, bem como, se percebiam pelo olhar do outro, por meio do meu olhar como pesquisador naquele contexto de desenvolvimento profissional da docência, partilhando, com elas, experiências de vida, formação e aprendizagens. Além do mais, narravam outros tantos acontecimentos do passado que já tiveram, do presente que estava acontecendo diariamente, e do que idealizavam, acreditavam ou pensavam em uma perspectiva futura.

Diante desse contexto, recordo Josso (2010, p. 163), ao esclarecer que “a tomada de consciência dos registros presentes na narração permite conhecer as sensibilidades e os saberes que cada um de nós tem à disposição na leitura de si mesmo e do seu meio”.

Nesse sentido, ouvir as vozes dos(as) professores(as) iniciantes representa um profícuo contexto de reflexão na aprendizagem profissional da docência, que é reforçado por Goodson (2019), ao mostrar a legitimidade da potência das histórias narrativas na compreensão do sujeito na dimensão micro, em se tratando de sua identidade e subjetividade, bem como no plano macroestrutural em que se situa. Em outras palavras, reforço as ideias do autor:

A potência da pesquisa narrativa com registro no cotidiano de professores(as) iniciantes:
reaprendendo a ouvir-olhar-sentir-narrar

Narrativas propiciam e criam espaço para “momentos pedagógicos” nos quais as pessoas podem se conectar consigo mesmas, umas com as outras, com suas próprias cultura e tradição, com suas esperanças e aspirações e, em última instância, com uma construção de conhecimento intencional e orientada, que serve a suas trajetórias pessoais e públicas (GOODSON, 2019, p. 114).

Tal especificidade essa que configura a narrativa é concebida como um meio pelo qual é possível acessar, compreender e refletir acerca das histórias de vida dos(as) docentes, de suas micro realidades e que levam a outras possibilidades de compreensão mais amplas, em um contexto macroestrutural de seu entorno, da profissão docente, do currículo e das políticas hegemônicas e contra hegemônicas que se defrontam, burlam e estão tecendo cotidianamente.

Assim, “os que pesquisam o cotidiano e esses acontecimentos culturais têm hoje melhor entendido que muitas são as possibilidades e os meios que podemos usar para melhor estudá-los e compreendê-los” (ALVES, 2003, 66).

O registro das experiências cotidianas acerca da prática pedagógica dos(as) professores(as) iniciantes é um meio privilegiado de formação, reflexão e transformação dos seus saberes e outros que aprendem, das compreensões de si e das dinâmicas com as quais poderá subsidiar o seu trabalho futuro no decurso do desenvolvimento profissional.

Em uma pesquisa realizada por Guilherme Prado (2017), acerca das *Aprendizagens e possibilidades em narrativas de professoras iniciantes*, destaca que:

[...] o hábito de escrever narrativas no/do/com o cotidiano escolar possibilita a compreensão pessoal e profissional docente, permite a inscrição e a socialização dos saberes, conhecimentos e fazeres dos professores, registra o percurso do trabalho pedagógico, possibilita a avaliação e a autoavaliação das práticas de ensino e se constitui como um poderoso instrumento formativo e de aprendizagem profissional (PRADO, 2017, p. 246-247).

Trata-se, pois, de operar, no plano da escrita, a materialização de uma consciência que vai se constituindo quando o sujeito narra a sua experiência à sua comunidade narrativa, e que, nesse exercitar a escrita, consegue se perceber dando forma a si e constituindo perfis de ser, pensar e delinear seus

percursos por meio de outros tantos itinerários que, por vezes, não o habitavam antes de uma escrita narrativa, por exemplo.

É nesse jogo dialético da identidade narrativa, em que os processos de construção da historicidade do sujeito se tecem mediados pela “reflexividade da enunciação e a alteridade implicada na estrutura dialógica da troca de intenções” (RICOEUR, 2014, p. 24), pelos quais foi possível tornar inteligível e construtora de sentidos do aprender, se formar e modificar-se em partilha.

Os registros presentes na narração em diálogos cotidianos com docentes em formação

Relato agora uma experiência narrativa relevante para a discussão deste capítulo. Estava certa tarde em meu quarto, totalmente compenetrado e mergulhado na produção e organização do texto da tese (na primeira versão que foi o texto para a qualificação na época) e, alguns dias antes de enviar para minha orientadora, meu celular deu um bip. Olhei imediatamente, e o que vi: um *print* de uma pequena carta narrativa e de um áudio compartilhado de outro contato do *Whatsapp* para o meu. Quem estava conversando comigo? E que tipo de desfecho teve a conversa? Era a professora Arikelma que, mobilizada pelo acontecimento, resolveu compartilhar comigo uma experiência sua, ampliando-a por outras reflexões narrativas. Tratava-se do caso de uma aluna especial que a docente tinha acabado de receber, por meio de um áudio que a diretora havia enviado do seu *Whatsapp*, seguido de uma carta da professora anterior, da Educação Infantil, já que a criança estava mudando de escola e entrando no 1º ano do Ensino Fundamental, passando por uma transição escolar.

O diálogo, a seguir, apresenta as narrativas que emergiram a partir do momento em que a diretora enviou um áudio orientando a professora e, em seguida, um *print* de uma carta narrativa denominada *Parecer* pela professora precedente e que a diretora chamou de *relatório*, apresentando os percursos trilhados pela pequenina no ano escolar, mostrando ainda as suas dificuldades, o que já conseguira desenvolver e o que precisaria melhorar, no plano da aprendizagem, entre outros aspectos como dizia esse parecer, possivelmente,

Diante da narrativa da docente Arikelma já expressa, identifico uma implicação do aprender a ser professora, qual seja: **os desafios da prática docente na Educação Especial**.

Esses desafios podem ser apontados por professores(as) iniciantes em vista de inúmeras perspectivas, que se dão, entre outros aspectos, relacionados: às dificuldades da prática docente; às surpresas que surgem em sua profissão; às novidades com que se defrontam, por um lado, e outras que surgem, em decorrência do seu saber e fazer; à organização do trabalho pedagógico, dentre outros.

No que tange à docente Arikelma, ressaltou as implicações dos desafios enfrentados em sua prática pedagógica como uma *novidade* e *surpresa* ao mesmo tempo, ao receber uma criança autista que seria sua aluna, e que significou a oportunidade de aprendizagem para a docente, conforme narrou, anteriormente. E o interessante é que ela refletiu, narrativamente, como é que esse processo poderá subsidiar a sua didática, no futuro, a partir do presente que está acontecendo, ou seja, temporalmente.

Um relevante pensamento está articulado com a narrativa da docente Arikelma, em se tratando desses profundos desafios do aprender e ensinar, que estava enfrentando na pandemia. Tal dinamismo, as novidades que emergem e as mutações do processo de escolarização requerem compreender “a existência de possibilidades educativas em muitos outros espaços de cultura, de conhecimento e de criação. A inclusão a diversidade e a cooperação são marcas centrais da metamorfose da escola” (NÓVOA, 2020, p. 9).

Com a professora Arikelma, percebi a abertura e a disponibilidade para aprender, que, mesmo se lançando nas águas das incertezas, prontificou-se a fazer descobertas, assim como demonstrou interesse em pesquisar para desenvolver o seu trabalho pedagógico, nesse novo contexto de ensinar uma criança especial. Para ela, tudo era novo, logo a mesma entrou, no ano de 2021, em uma nova experiência, também, que foi ser professora do 1º ano do Ensino Fundamental, no qual ainda não tinha atuado em sua carreira como iniciante.

Apreendi, também, com a referida professora, por meio dessa conversa narrativa expressa anteriormente, essa possibilidade de abertura e

A potência da pesquisa narrativa com registro no cotidiano de professores(as) iniciantes:
reaprendendo a ouvir-olhar-sentir-narrar

flexibilidade, gerando aprendizagens, as quais são cruciais para potencializar o desenvolvimento profissional docente. E que estar na condição de professor(a) em uma escola pública, nos anos iniciais, é desbravar horizontes que vão mostrando o que sei, o que posso saber e para onde mais posso ir, fazer, saber e ser.

Diante das reflexões até então discutidas, novamente, questiono: qual a importância da aprendizagem narrativa na tessitura de uma *pesquisaformação* de abordagem (auto)biográfica? Penso que a sua potencialidade reside no fato de que:

[...] consideramos esse tipo de aprendizagem narrativa como basilar para a maneira pela qual as pessoas aprendem ao longo da vida, e necessitamos de uma forma diferente de pesquisa e de elaboração para compreender esse tipo de aprendizagem como oposto aos modos mais tradicionais de aprendizagem formal e informal (GOODSON, 2019, p.282).

Assim, tomar como princípio as implicações da aprendizagem narrativa em uma pesquisa científica dessa envergadura é dar primazia a um processo de tomada de consciência que se reflete em transformações substanciais dos processos formativos e de construção do conhecimento científico, pelos quais se materializam, por meio da tessitura de uma reflexividade autobiográfica, assunto que será discutido na próxima seção.

Da reflexividade autobiográfica à aprendizagem experiencial formadora

O exercício de uma reflexividade no processo de formação de professores(as) e aprendizagem profissional da docência em uma pesquisa científica revela-se absolutamente necessário e emergente, tendo em vista que são duas instâncias articuladoras entre si, fundamentais para a produção do conhecimento, a tessitura de aprendizagens no contexto experiencial e as contribuições que o refletir impulsiona na (re)elaboração dos saberes da prática pedagógica dos(as) professores(as).

Corroboro o pensamento de Abrahão (2016, p.42), que entende ser a reflexividade autobiográfica um processo em que “[...] cada sujeito possibilita

expressar as próprias vivências em termos de experiências de vida e de formação, com a inclusive construção identitária”.

Nesse sentido, a ideia de reflexividade autobiográfica, neste texto, parte do princípio de uma reflexão da reflexão, que o sujeito faz de si, a partir das implicações e afetações geradas nos movimentos e percursos trilhados ao longo dos seus itinerários formativos, caracterizando-se como um voltar para si, gerando transformações, tomada de consciência e (auto)formação. Logo, adoto também a compreensão de reflexividade autobiográfica, “entendida como probabilidade de o indivíduo (criança, jovem, adulto) voltar-se sobre si mesmo para tentar explicitar o que sente ou até mesmo perceber que fracassa nessa difícil tarefa de (re)elaboração da experiência vivida” (PASSEGGI, 2016, p.82).

Lanço duas questões que se revelam como disparadoras do meu pensamento: Como se constitui a reflexividade autobiográfica de professores(as) iniciantes nas experiências narrativas de *pesquisaformação*? Quais aprendizados e conhecimentos são possíveis construir, por meio de uma reflexividade, primando pela tessitura narrativa (auto)biográfica?

Início a resposta dessas questões com um registro de conversa que tive com a professora Ana Patrícia, em que ela própria começa a desenvolver uma reflexão:

- **Ana Patrícia:** Essas conversas são interessantes, muitas coisas a gente não digere, não resolve porque não reflete...
- **Joelson:** Exatamente, Ana Patrícia. Reflexão potente e super cara para a profissão docente. Eu aprendo muito com você. Porque ainda também me considero um professor iniciante, que, embora esteja atuando na Educação Superior, desde 2014, portanto, fazendo já quase 7 anos no magistério; nesse ano de 2021, não tenho experiências na Educação Básica, sobretudo, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Só tenho uma curta experiência de 01 ano como professor de Educação Infantil. São ótimas essas reflexões que fazemos sobre a nossa própria prática. É formativa, aprendemos e é transformadora também (Conversa com a professora Ana Patrícia sobre a prática da reflexão/a reflexão da prática, 16/Março/2021).

No processo de refletir, o sujeito fabrica uma identidade narrativa que vai se compondo por uma multiplicidade de valores, saberes e entendimentos de si, do mundo a sua volta, dos acontecimentos com os quais lida na cultura, bem como das trajetórias formativas trilhadas e da experiência construída que

A potência da pesquisa narrativa com registro no cotidiano de professores(as) iniciantes:
reaprendendo a ouvir-olhar-sentir-narrar

pode emergir em suas narrativas (auto)biográficas, quando elaboradas e evocadas, em algum momento, na linguagem que passa a expressar, seja ela oral, escrita, poética, musical, imagética, gestual ou por meio de outras linguagens verbal ou não-verbal.

Convém, então, confirmar essa assertiva do sujeito constituir-se na linguagem, produzindo a sua historicidade, no meio cultural, em relações coletivas, sob o prisma de Ricoeur (2010b), a quem é cara a ideia de *identidade narrativa*:

A noção de identidade narrativa mostra também sua fecundidade no fato de poder ser aplicada tanto à comunidade como ao indivíduo. Pode-se falar da ipseidade de uma comunidade, assim como [...] de um sujeito individual: indivíduo e comunidade se constituem em uma identidade recebendo narrativas que se tornam, tanto para um como para a outra, sua história efetiva (RICOEUR, 2010b, p. 419-420)

Mediante a conversa, após um conjunto de narrativas anteriores, observei que a docente passou a experienciar uma reflexão em um movimento não dado, mas elaborado em meio a uma construção subjetiva e singular que permitiu revelar, para si própria, em diálogo comigo, o que, porventura, ainda não havia percebido, e, que tal percepção pode suscitar mudanças do que está sendo, passando a se tornar, ou a se transformar em função do plano da consciência construído entre um acontecimento antes, um agora e um depois.

Ampliando o diálogo, a professora Ana Patrícia foi mostrando outras tantas facetas de uma reflexividade que me pôs a pensar na sua potencialidade formativa e de aprendizagem consciencial, percebendo os reflexos da sua experiência. Como mostra abaixo:

Claro que todo processo passa por essas adequações, pelos erros e acertos, e ali era isso que eu estava tentando fazer, porque o que eu percebo, o que eu venho percebendo na minha prática ali no Antenor Viana [escola], mas graças a Deus eu te digo que isso tenha mudado, mas os alunos daquela escola, de gestões anteriores, eles estavam muito acostumados assim: “vai pra escola, senta na cadeira”; e se o professor for aquele professor mais durão, bota a atividade e deixa ele ocupado, ou mesmo que não fosse, mas tá muito acostumado assim: chegou, sentou, copiou, respondeu, vai embora. É isso. E eu não gosto muito assim, só disso, eu acho que, pelo menos depois que eu tive experiências melhores de

ser levada à reflexão por parte dos meus professores, ser levada a saber o que que eu estou fazendo na escola, ser levada a pensar, não é? a ser estimulada, saber das minhas capacidades, isso fez muita diferença na minha vida, saber que eu tenho uma opinião, saber que eu sei de alguma coisa que muitas vezes o professor não sabe, é, fazer eles [alunos] entenderem que um aprende com o outro, por mais que você não seja bom em leitura, não seja bom em matemática, você traz alguma coisa com você e ser levado a pensar, ser levado a tirar, extrair o que você tem de bom, porque isso ajuda na (auto)estima, isso vai animar você (Narrativa da professora Ana Patrícia, 16/março/2021).

Como se pode perceber, as configurações e transformações da cultura e aprendizagem profissional da docência, na narrativa da professora Ana Patrícia, foram imprimindo diferentes possibilidades e modos outros de se colocar em uma atitude disparadora de questionamento de si, entre os quais, suscitou modos de pensar a si, o seu meio, o que faz e o que poderá fazer diante das experiências que está a descortinar e outras mais que poderão emergir em sua vida, experiência e formação.

E essa narrativa foi pensada e produzida em uma temporalidade, aquela na qual o sujeito reflete a si próprio, buscando dar sentido ao seu fazer, pensar e ser, em um cenário pandêmico como enfrenta a professora Ana Patrícia. Por isso, faz-se importante elucidar que “[...] o fazer narrativo re-significa o mundo em sua dimensão temporal, na medida em que narrar, recitar, é refazer a ação conforme a instigação do poema” (RICOEUR, 2010, p. 133).

Pensar a ideia da reflexividade no contexto de uma *pesquisiformação* com professores(as) iniciantes implica pensar o dinamismo da sociedade, que, entre outras características, deriva-se “[...] da *ordenação e reordenação reflexiva* das relações sociais à luz das contínuas entradas (*inputs*) de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos” (GIDDENS, 1991, p.1991, p.26-27. Grifos do autor).

Em decorrência dos inúmeros acontecimentos que são forjados, no contexto das transformações do capital e do neoliberalismo⁵, ouvir as

⁵ Entendo que os impactos do neoliberalismo refletem-se em muito, na formação e desenvolvimento profissional docente, cobrando dos(as) docentes uma atuação que seja pautada pelos ditames do capital, com a primazia de alcance de resultados e um *saberfazer* que leve em consideração entre outras ações, a articulação entre currículo, avaliação e trabalho docente em tempos e espaços que nem sempre se pautam pela realidade de histórias de vida e de mundo dos educandos e dos(as) próprios(as) professores(as). Talvez, o conceito

A potência da pesquisa narrativa com registro no cotidiano de professores(as) iniciantes:
reaprendendo a ouvir-olhar-sentir-narrar

narrativas dos(as) professores(as), torna-se uma via indispensável para não apenas saber o que se passa nas escolas, mas, sobretudo, para refletir e compreender a potência das suas histórias narrativas na articulação com outros vários níveis de reflexões acerca da cultura escolar, experiência e formação. Articulações essas que se dão também: 1) das suas implicações que se entrecruzam na relação com os alunos; 2) na aprendizagem da profissão, em processos que as confrontam com o jogo político; e, 3) de lutas e embates que se defrontam e que constituem dimensões cruciais para a compreensão da profissão de professor(a) nos dias atuais.

Além do mais, interessa saber como os(as) docentes se constituem como pessoas e profissionais, e qual o valor representa para si e para a profissão “[...] e as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser” (NÓVOA, 2007, p. 17).

Uma vez que o processo de se constituir professor(a) é mediado por uma multiplicidade de acontecimentos que atravessam as suas vidas, o desenvolvimento profissional e os múltiplos contextos que o ser pessoa e profissional o(a) levam a tecer, em função do praticado, vivido e refletido.

Por isso, tematizo a aprendizagem profissional da docência, neste texto, como uma forma de protagonizar os(as) docentes, a partir do seu próprio universo de saberes e fazeres que está sendo tecido, cotidianamente, com as táticas e dispositivos com que dispõem e permitem desenvolver a sua prática pedagógica, dos seus diversos modos de aprender e ensinar e das suas constituições singulares e identitárias.

Desse modo, compreendo a *aprendizagem profissional da docência* como:

[...] uma aprendizagem plural e complexa, formada pelo conjunto de conhecimentos, crenças, valores, provenientes de vários contextos e circunstâncias entrelaçados às diversas experiências e interações vividas pelos sujeitos nas suas

de *performatividade* se adéque a essa reflexão, proposto por Stephen Ball (2014, p.66) na qual esta “é aplicada por meio de medidas e metas contra as quais se espera que nos posicionemos, mas, muitas vezes, de maneira que produzem incertezas quanto à forma de como deveríamos nos organizar em nosso trabalho”.

histórias pessoais e profissionais que se prolonga por toda a vida profissional (MONTEIRO, 2008, p. 239).

Trata-se, pois, de uma aprendizagem que articula o pessoal ao político-pedagógico de professores(as) que acaba perpassando as dimensões formativas da vida e da profissão que abarcam as experiências micro e macro da realidade, envolvendo aspectos sociais, culturais e educacionais e de outros tantos contextos dos quais fazem parte e se lançam os(as) docentes.

Considerações Finais

Mediante o desenvolvimento do presente estudo, as lições que ficam são as que o processo de socialização e início da docência se constituem em uma infinidade de desafios e incertezas sobre o ser, pensar e fazer didática, metodológica e epistemologicamente a profissão docente, e que são nas experiências cotidianas que se aprende a profissão.

Trazer o (auto)biográfico com as narrativas de professores(as) iniciantes sobre os seus pensamentos e concepções que têm de si, do outro, da vida, formação e profissão, eis que se revela como um meio privilegiado de tessitura identitária que vai se constituindo em múltiplos estados de pensamento, constituição dos modos de ser sujeito, pessoa e profissional e se reflete na ação que se materializa nas relações estabelecidas com os demais sujeitos, muitos destes os(as) alunos(as) e outros na (re)elaboração dos saberes da prática pedagógica, organização do trabalho pedagógico, avaliação da aprendizagem e outras tantas dimensões que permeiam a profissão docente.

Os estudos nos/dos/com os cotidianos mostram o qual significativo é desenvolver uma pesquisa em que se tece no próprio contexto e com os sujeitos participantes da pesquisa, envolvidos, dialogando e experienciando a própria realidade com a multiplicidade de acontecimentos que se processam no meio, bem como seus reflexos nos estados de ser e afetações provocadas entre pesquisador e sujeitos participantes da pesquisa.

Mergulhar no cotidiano e vivê-lo permite a construção de outros múltiplos referenciais da pesquisa, mas, sobretudo, da formação, aprendizagem e construção de conhecimentos coletivos, democráticos e

A potência da pesquisa narrativa com registro no cotidiano de professores(as) iniciantes:
reaprendendo a ouvir-olhar-sentir-narrar

inventivos os quais são possíveis graças as potências que se revelam nesse processo estando dentro da realidade e vivendo o que acontece e do jeito como acontece cada situação, em função do vivido e conforme podem ser perspectivadas cada caminhada com os sujeitos que fazem parte do contexto.

Uma pesquisa que se fez junto com os sujeitos praticantes do cotidiano, em escuta sensível, conversas e registros narrativos com a potência que se revela nas descobertas engenhosas e inventivas que, somente mergulhado no cotidiano, é possível tecer: eis no que se configurou este estudo.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto)biográfica: dimensões epistemo-empíricas em narrativas de formação In.: BRAGANÇA, I. F. de S.; ABRRAHÃO, M. H. M. B.; FERREIRA, M. S. (Orgs.). *Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Curitiba: CRV, 2016. p. 29-50.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*. n. 23, Rio de Janeiro, Maio/Agosto. 2003. p.62-74. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/drzj7WstvQxKy7t5GssT4mk/> . Acesso em: 12 set. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *O homem ao espelho*. Apontamentos dos anos 1940. Aos cuidados de Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

BALL, Stephen J. *Educação global S.A.: novas redes políticas e o imaginário neoliberal*. Tradução de Janete Bridon. Ponta Grossa: UEPG, 2014.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In.: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; BÓAS, Lúcia Villas (Orgs.). *Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos*. Curitiba: CRV, 2018. p. 65-81.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 19. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOODSON, Ivor F. *Currículo, narrativa pessoal e futuro social*. tradutor: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda. Narrativas: estratégias investigativo-formativas para a compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem profissional da docência. In.: SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). *Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

MORAIS, Joelson de Sousa. *Fios e tramas em contextos de pesquisa formação e suas implicações na tessitura narrativa de professores/as iniciantes*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 2022. 259p. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1237977>. Acesso em: 11 dez. 2023.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto) biográfica: da tessitura de fontes aos desafios da interpretação hermenêutica. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, e75612, 2021. p.1-20. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/TqzVDqkfbX3hb7HbhB9T3kw/> . Acesso em: 05 set. 2023.

NÓVOA, António. Os professores e suas histórias de vida. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de Professores*. Coleção Ciências da Educação, v. 4. 2.ed. Porto: Porto Editora, 2007.

NÓVOA, António. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. *Revista Com Censo*, v. 7, n. 3, ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/905/551> . Acesso em: 08 jan. 2023.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *O currículo como criação cotidiana*. Petrópolis, RJ: DP et alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. *Roteiro*, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: < <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267/pdf> >. Acesso: 25 ago. 2023.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. Aprendizagens e possibilidades em narrativas de professoras iniciantes. In.: PÉREZ, Carmen Lúcia Vida (Org.). *Experiências e narrativas em educação*. 1. ed. Niterói: EDUFF – Editora da Universidade Federal Fluminense, 2017.

A potência da pesquisa narrativa com registro no cotidiano de professores(as) iniciantes:
reaprendendo a ouvir-olhar-sentir-narrar

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SERODIO, Liana Arrais. Ato responsável e alteridade: problematizando narrativas docentes em um contexto investigativo. In.: PRADO, G. do V. T. et al. (Orgs). *Metodologia narrativa de pesquisa em educação: uma perspectiva bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. p. 51-73.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Tradução: Ivone C. Benedetti. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Vol. 1. Tradução Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Vol. 3. Tradução Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

Recebido em: 12/09/2023.

Aceito em: 03/12/2023.

Joelson de Sousa Morais

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É pesquisador do Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação* Polifonia (UNICAMP/UERJ) vinculado ao GEPEC/UNICAMP e ao Vozes da Educação (FFP/UERJ) e do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares: Educação, Saúde e Sociedade (UEMA/CPNQ). É Professor Adjunto I do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no Centro de Ciências de Codó (CCCCO).

 joelson.morais@ufma.br

 <http://lattes.cnpq.br/9184354605461860>

 <http://orcid.org/0000-0003-1893-1316>